

V CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA

**ARQUIVOLOGIA E INTERNET:
CONEXÕES PARA O FUTURO**

01 a 05 de Outubro 2012 | Salvador-BA
Pestana Bahia Hotel

TRABALHOS COMPLETOS

www.enara.org.br/cna2012
Salvador. A Capital Nacional da Arquivologia em 2012

SUMÁRIO

QUANDO O ACESSÁVEL PODE NÃO SER ACESSÍVEL: UM ESTUDO SOBRE O SISTEMA DE APOIO AO PROCESSO LEGISLATIVO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA PARAÍBA (SAPL) À LUZ DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO, **JOSÉ CANUTO DA SILVA JÚNIOR (e co-autoria de Henrique Elias Cabral França)**

O ACESSO A INFORMAÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA E SUA CONSOLIDAÇÃO LEGAL NO BRASIL: PROPOSTAS DE REFLEXÃO PARA O PROFISSIONAL ARQUIVISTA, **HENRIQUE ELIAS CABRAL FRANÇA (e co-autoria de José Canuto Da Silva Júnior)**

INVESTIGAÇÃO DO USO DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO NORTE: UMA VISÃO ATRAVÉS DOS FUNCIONÁRIOS DAS SECRETARIAS DO MUNICÍPIO, **WENDEL GIBBON DE OLIVEIRA (e co-autoria de Valéria Raquel Bertotti; Angélica C. D. Miranda)**

PRINCÍPIOS CIENTÍFICOS DA CLASSIFICAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES AO PLANO DE CLASSIFICAÇÃO DE ATIVIDADES-FIM DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR – IFES, **ROSALE DE MATTOS SOUZA (e co-autoria de Andressa Furtado da Silva de Aguiar; Gleice da Silva Branco)**

CURSO DE QUÍMICA INDUSTRIAL/UFRGS TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE PALEOGRÁFICA DOS HISTÓRICOS ESCOLARES, **BRUNA ARGENTA MODEL (e co-autoria de Ana Regina Berwanger)**

A INOVAÇÃO E A ARQUIVOLOGIA: CONCEITO E CIÊNCIA PARA A SOCIEDADE, **ELIANDRO DOS SANTOS COSTA (e co-autoria de Maria Inês Tomael, Mayara Talita dos Santos)**

DISCUTINDO A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUIVÍSTICO DIGITAL, **LAERTE PEREIRA DA SILVA JÚNIOR (e co-autoria de Thais Helen do Nascimento Santos)**

LABORATÓRIO DE PRÁTICAS ARQUIVÍSTICAS INTEGRADAS: O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFPB, **JULIANNE TEIXEIRA E SILVA (e co-autoria de Maria Meriane Vieira Rocha)**

LEVANTAMENTO DA TIPOLOGIA DOCUMENTAL DE UMA COORDENAÇÃO DE CONTABILIDADE E FINANÇAS DE UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ENSINO SUPERIOR: ASPECTOS PRELIMINARES PARA UMA GESTÃO ARQUIVÍSTICA, **CLODEMIR DA COSTA NASCIMENTO (e co-autoria de Rosa Zuleide Lima de Brito, Julianne Teixeira e Silva)**

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NÃO-OBRIGATÓRIO PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA, **MARIA MERIANE VIEIRA DA ROCHA (e co-autoria de Julianne Teixeira e Silva)**

O FLUXO DOCUMENTAL DA JUSTIÇA FEDERAL DA PARAÍBA (JFPB): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA, **MARCIO BEZERRA DA SILVA (e co-autoria de Wendia Oliveira de Andrade, Rosa Zuleide de Brito)**

FOTOGRAFIAS DO CHCP: POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS PARA A PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA MEMÓRIA, **MARIA CANDIDA DA SILVEIRA SKREBSKY (e co-autoria de Carlos Blaya Perez)**

ACESSO E USO DA INFORMAÇÃO EM ARQUIVOS SOB A PERSPECTIVA DOS SERVIÇOS DE DIFUSÃO CULTURAL E AÇÕES EDUCATIVAS, **THAIS HELEN DO NASCIMENTO SANTOS (e co-autoria de José Washington de Moraes Medeiros)**

SISTEMA DE GESTÃO INTEGRADO: DESVENDANDO O PROTOCOLO DO IMEQ/PB – INMETRO, **ESMERALDA PORFIRIO DE SALES (e co-autoria de Christian Palmer Ferreira da Silva, João Paulo do Nascimento Soares)**

A COORDENAÇÃO DE ARQUIVOS DA UFF: UM PROCESSO ARQUIVÍSTICO DE REVITALIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO., **ROSALE DE MATTOS SOUZA (e co-autoria de Jorge Martins Fagundes, Beatriz Bahia, Igor Garcez, Pablo Souza Vaqueiro)**

FACULDADE DE DIREITO CLOVIS BEVILAQUA: A DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA ATRAVÉS DO ICA-ATOM, **ANDREA GONÇALVES DOS SANTOS (e co-autoria de Bruna Paim Reis, Daniel Flores)**

A POLÍTICA DE ARRANJO PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG, **ANDREA GONÇALVES DOS SANTOS (e co-autoria de Karin Christine Schwarzbald; Tatiane Vedoin Viero)**

A JUSTIÇA FEDERAL DA PARAÍBA (JFPB) E O USO DO SRI TEBAS, **WENDIA OLIVEIRA DE ANDRADE (e co-autor Marcio Bezerra da Silva)**

A TEORIA E A "PRÁXIS" DAS TRÊS IDADES DOCUMENTAIS NA REALIDADE DAS MASSAS DOCUMENTAIS ACUMULADAS NOS ARQUIVOS BRASILEIROS, **KLEANE PÂMELA PEREIRA DOS SANTOS (e co-autoria de Rodrigo Fortes)**

UM RECORTE DA REALIDADE DA PROFISSÃO DO ARQUIVISTA: A ATUAÇÃO DOS ARQUIVISTAS NAS ORGANIZAÇÕES CONTÁBEIS, **STELA LICHTENHELD CRAUS (e co-autoria de Maria Beraldi Passini de Castro)**

CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS EM UNIVERSIDADES: UM ESTUDO DE TRÊS CASOS, **MARIA RAQUEL LISBOA COSTA MARQUES**

A DIFUSÃO E A "PÓS-DIFUSÃO" CULTURAL COMO ESTRATÉGIA DE DISSEMINAÇÃO DOS SERVIÇOS DE ARQUIVO., **SUELLEN BARBOSA GALDINO (e co-autoria de Rodrigo Fortes de Ávila)**

PERSPECTIVAS PARA ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA: CONSTRUÇÃO DO CATÁLOGO PARA O ARQUIVO MUSICAL DA BANDA DE MÚSICA 5 DE AGOSTO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA-PB, **EGBERTO DA SILVA LIMA (e co-autoria de Manuela E. Maia, Rodrigo Fortes de Ávila)**

LEI DE ACESSO: A EXPERIÊNCIA DA UFRGS, **RITA DE CÁSSIA PORTELA DA SILVA (e co-autoria de Flávia Helena Conrado)**

A INSERÇÃO SOCIAL DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA : O CASO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL), **LINETE BARTALO (e co-autoria de Ivone Guerreiro Di Chiara; Miguel Luiz Contani)**

O PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO TÉCNICA EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO A PARTIR DA CAPACITAÇÃO DE SERVIDORES, **MARCELA GONÇALVES TEIXEIRA (e co-autoria de Daniel Flores)**

CATÁLOGO SELETIVO DO 1º SEMINÁRIO DE ENSINO EM ARQUIVOLOGIA FURG, **ROSANE APARECIDA DE ANDRADE (e co-autoria de Fabiane Pereira da Silveira, Valéria Raquel Bertotti)**

PALEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE E O ENSINO PALEOGRÁFICO FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS, **ENEIDA IZABEL SHIRMER RICHTER (e co-autoria de Rafael Chaves Ferreira)**

POLÍTICAS DE ACCESO A LA INFORMACIÓN Y SU RELACIÓN CON EL CONCEPTO DE CIUDAD-REGIÓN, **MARIA JANNETH ALVAREZ ALVAREZ**

GESTÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA FURG, **ROSANE APARECIDA DE ANDRADE** (e co-autoria de **Luciana Penna dos Santos, Luciana Souza de Brito**)

INFORMAÇÃO E MEMÓRIA: REFLEXÃO DOS CONCEITOS SOB A ÓTICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, **DANIELLE ALVES DE OLIVEIRA** (e co-autoria de **Thiago Gomes Medeiros**)

ARQUIVOLOGIA E HISTÓRIA: UM DIÁLOGO ESSENCIAL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA, **RAFAEL CHAVES FERREIRA** (e co-autoria de **Glauca Vieira Ramos Konrad**)

O ARQUIVISTA E SUA REPRESENTAÇÃO NAS MÍDIAS: A (DES)CONSTRUÇÃO DO PROFISSIONAL, **ALESSANDRO FERREIRA COSTA** (e co-autoria de **Eliane Bezerra Lima**)

CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS DE ARQUIVO: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS E SEUS NOVOS DESAFIOS, **MARIA RAQUEL LISBOA COSTA MARQUES**

A GESTÃO DOCUMENTAL NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM, **ROSINILDA DAMASCENO DOS SANTOS FILHA** (e co-autoria de **Augusto Britto**)

A INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA COMO SUBSTRATO CULTURAL NA CONSOLIDAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA., **DANIELLE ALVES DE OLIVEIRA**

A MEMÓRIA E A ARQUIVÍSTICA: RELATO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – RS, **GEISI GRAZIANE GOULARTE ANTONELLO** (e co-autoria de **Carla Saldanha da Silva, Rosani Beatriz Pivetta da Silva**)

DE GUARDIÃO DE DOCUMENTOS A GESTOR DA INFORMAÇÃO: O ARQUIVISTA EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE PROFISSIONAL, **WAGNER RAMOS RIDOLPHI**

AS PRÁTICAS ARQUIVÍSTICAS NO CONTEXTO DO ARQUIVO GERAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB), **INGRID RIQUE DA ESCÓSSIA PEREIRA** (e co-autoria de **Janaina Lima dos Santos, Priscila Zelo Patrício de França, Rosa Zuleide Lima de Brito**)

APLICAÇÃO DA NORMA ISDF NA SECRETARIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE RESTINGA SÊCA, **SÔNIA ELISABETE CONSTANTE** (e co-autoria de **Daine Regina Segabinazzi Pradebon, Lisieli Rorato Dotto, Débora Flores**)

A REVISÃO CURRICULAR EM CURSOS DE ARQUIVOLOGIA: UM ESTUDO NA UFSM, **SÔNIA ELISABETE CONSTANTE** (e co-autoria de **Emili Lemanski dos Santos, Lisieli Rorato Dotto, Fernanda Kieling Pedrazzi**)

SENSIBILIZAÇÃO DA NECESSIDADE DE PROFISSIONAL ARQUIVISTA PARA GERENCIAMENTO E RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO TELEVISIVA, **ANA ISABEL FERREIRA WANDERLEY** (e co-autoria de **Érica Ferreira Rodrigues, Lidiane Carneiro de Sousa, Lidiane da Silva Ferreira**)

PRESERVAÇÃO DE ACERVOS, MARMORIZAÇÃO DE PAPEL E INCLUSÃO SOCIAL, **CRISTINA STROHSCHOEN** (e co-autoria de **Denise Molon Castanho, Luiza Segabinazzi Pacheco**)

DIAGNÓSTICO TÉCNICO E DIRETRIZES PARA REVITALIZAÇÃO DO ARQUIVO DA DIVISÃO DE ARQUIVO MÉDICO E ESTATÍSTICA (DAME) DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEI – UFPB, **JULIANNE TEIXEIRA E SILVA** (e co-autoria de **Dulce Amélia de Brito Neves**)

ASPECTOS GERAIS SOBRE PRESTAÇÃO DE CONTAS: TEMPORALIDADE DE DOCUMENTOS PÚBLICOS DE ARQUIVO VINCULADOS À APROVAÇÃO DE CONTAS, **DOMINGOS DA COSTA RODRIGUES** (e co-autoria de **Tânia Maria de Moura Pereira, Eliane Braga de Oliveira, Sérgio P. da Silva Coletto**)

A ELABORAÇÃO DO PLANO DE CLASSIFICAÇÃO PARA A SECRETARIA MUNICIPAL DE HABITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO URBANO – SMHADU: SUBSÍDIOS PARA A DEFINIÇÃO DE POLÍTICAS DE SISTEMAS DE ARQUIVO E GESTÃO DOCUMENTAL NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE, **GISLAINE PINTO KRAMER** (e co-autoria de **Giulia Machado Tavares, Jorge Alberto Soares Cruz, Rita de Cássia Portela da Silva**)

O PAPEL DO ARQUIVISTA NO PROCESSO DE DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO ARQUIVÍSTICO: A EXPERIÊNCIA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS NO TREINAMENTO, CONSCIENTIZAÇÃO E ENSINO DE PRÁTICAS E POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS, **WELDER ANTONIO SILVA** (e co-autoria de **Wendell Lopes de Assis**)

O NUDOC COMO MEMÓRIA DO CINEMA PARAIBANO, **CAROLINA BARROS MADRUGA** (e co-autoria de **Aline Rouse Almeida da Silva**)

PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DO ACERVO HISTÓRICO DO CPDOC: DESAFIOS E PERSPECTIVAS, **DANIELE CHAVES AMADO** (e co-autoria de **Martina Spohr**)

GUIA DA COLEÇÃO “JORNAIS DO BRASIL: O ACERVO DE JORNAIS DO ARQUIVO CENTRAL E HISTÓRICO DA UFV” E INVENTÁRIO DA SÉRIE “JORNAIS DE ESQUERDA”, **EDUARDO LUIZ DOS SANTOS** (e co-autoria de **Sara Helena Amaral de Sousa**.)

POLÍTICAS DE ACESSO E PRESERVAÇÃO DE COLEÇÕES FOTOGRÁFICAS DE NEGATIVOS DE VIDRO: QUANDO O PATRIMÔNIO É UMA IMAGEM QUE QUEBRA!, **CRISTINA STROHSCHOEN** (e co-autoria de **Carlos Blaya Perez**)

A DIFUSÃO NO USO DOS DOCUMENTOS ELETRÔNICOS E A FUNÇÃO DO ARQUIVISTA NESSE NOVO CENÁRIO, **KÁTIA SANTIAGO VENTURA** (e co-autoria de **Carlos Roberto do Nascimento Cavalcante**)

INFORMAÇÃO ESTRATÉGICA EM REDE: A EXPERIÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DE SISTEMA DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO DIRECIONADA PARA TOMADA DE DECISÃO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR, **KÁTIA SANTIAGO VENTURA** (e co-autoria de **Carlos Roberto do Nascimento Cavalcante**)

RELAÇÕES ENTRE OS REPOSITÓRIOS DIGITAIS E OS PRINCÍPIOS ARQUIVÍSTICOS, **ALEXANDRE FERNAL** (e co-autoria de **Fernando Luiz Vechiato**)

A PESQUISA E O RESPEITO AO PRINCÍPIO DA PROVENIÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA (MAE) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), **ÂNGELA CAROLINA DE CASTRO SIMÕES** (e co-autoria de **Aline Fernanda Lopes**)

ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO INTERMEDIÁRIO E PERMANENTE DO ARQUIVO GERAL DA UFBA, **NANCI MOREIRA DOS SANTOS** (e co-autoria de **Patrícia Reis**)

O “DISCURSO DE/SOBRE” A LEI Nº 12.527 EM DUAS MATERIALIDADES: A LEI E O JORNAL, **FERNANDA KIELING PEDRAZZI**

NORMATIVAS PARA DESENVOLVIMENTO DE UM SISTEMA INFORMATIZADO DE GESTÃO ARQUIVÍSTICA DE DOCUMENTOS, **FERNANDO ALVES DA GAMA (e co-autoria de Ivone Gomes de Brito)**

O MARKETING COMO FERRAMENTA DE DIFUSÃO DAS ATIVIDADES ARQUIVÍSTICAS, **FERNANDA MARCELE SANTANA LAGE LINHARES (e co-autoria de Nídia Maria Lienert Lubisco)**

APLICAÇÃO DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO, DA USABILIDADE E DA ACESSIBILIDADE EM WEB SITES DE ARQUIVOS, **FERNANDO LUIZ VECHIATO (e co-autoria de Vânia Jaqueline Domingues, Ana Maria da Silva Rebelo, Alexandre Fernal)**

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A DISCIPLINA DE DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA OFERTADA NOS DIFERENTES CURSOS DE ARQUIVOLOGIA DO BRASIL., **TIELE PADILHA SILVEIRA (e co-autoria de Valéria Raquel Bertotti.)**

O DIAGNÓSTICO DE ARQUIVO COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO DO FAZER ARQUIVÍSTICO: RELATO DA EXPERIÊNCIA DE MONITORIA DE GESTÃO DE DOCUMENTOS II NO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UEPB, **KETLEN OLIVEIRA ESTEVAM (e co-autoria de Maria José Cordeiro de Lima)**

ARQUIVOLOGIA: NOVAS TECNOLOGIAS E ANTIGOS DESAFIOS, **EVA CRISTINA LEITE DA SILVA (e co-autoria de Graziela Martins de Medeiros, Luciane Paula Vital)**

"METODOLOGIA PARA ANÁLISE, AVALIAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO CURRICULAR DE CURSOS DE ARQUIVOLOGIA: A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS" , **LEANDRO RIBEIRO NEGREIROS (e co-autoria de Welder Antônio Silva, Cíntia Aparecida Chagas Arreguy)**

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA NO BRASIL E NO MUNDO NO SÉCULO XIX: A ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DA COLEÇÃO DE IMPRESSOS DO ACERVO ARQUIVÍSTICO DO OBSERVATÓRIO NACIONAL, **EVERALDO PEREIRA FRADE (e co-autoria de José Benito Yárritu Abellás e Nínive Britez Biçakçi)**

PRESERVAÇÃO E ACESSO: RAZÕES E CAMINHOS DE UM PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO DE ACERVOS ARQUIVÍSTICOS: O CASO DO ARQUIVO DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA DO MAST, **JOSÉ BENITO YÁRRITU ABELLÁS (e co-autoria de Everaldo Pereira Frade)**

O ACESSO A INFORMAÇÃO: MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO NO ESTADO DA PARAÍBA, **ISMAEL BATISTA DOS SANTOS SILVA**

A PRODUÇÃO E A CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS NO SOFTWARE DE GESTÃO DOCUMENTAL NUXEO SOB A ÓTICA DA ARQUIVÍSTICA, **SERGIO RENATO LAMPERT (e co-autoria de Daniel Flores)**

OBJETOS VIRTUAIS INTERATIVOS NO ENSINO DE ARQUIVOLOGIA, **LUCIANA OLIVEIRA PENNA DOS SANTOS Luciana Souza de Britto, Rafael Augusto Penna dos Santos**

A SAÚDE NO BRASIL E OS ARQUIVOS MÉDICOS COMO INSTRUMENTO PARA EXERCÍCIO DA CIDADANIA, **RAONE SOMAVILLA**

DISCURSOS DE MEMÓRIA DO ASSOCIATIVISMO ARQUIVÍSTICO BRASILEIRO, **EVELYN GOYANNES DILL ORRICO (e co-autoria de Eliezer Pires da Silva)**

O USO DE TECNOLOGIAS PARA MAPEAMENTO DE INFORMAÇÕES ARQUIVÍSTICA, **BRUNO OLIVEIRA DA COSTA (e co-autoria de Elias de Oliveira)**

ARQUIVO DIGITAL ESCOLAR(ARQDESC) ARQUITETURA DE UM SISTEMA INFORMATIZADO PARA O ARQUIVO DA ESCOLA JOSÉ LINS DO RÊGO, **IRANY RODRIGUES BARBOSA (e co-autoria de Josemar Henrique de Melo)**

SISTEMA INTEGRADO DE ACESSO DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO (SIA-APM): UMA EXPERIÊNCIA DE DIFUSÃO ON LINE, **RENATO PINTO VENANCIO**

A NECESSIDADE DE IMPLANTAÇÃO DE UMA POLÍTICA DE GESTÃO DE DOCUMENTOS NA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, **ANA LÚCIA DA SILVA DO CARMO**

ANÁLISE DO MÓDULO ARQUIVO DO SISTEMA PERGAMUM, **ANA PAULA ALVES SOARES**

PRESERVAÇÃO DIGITAL E SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO: O USO DA NORMA ISO/IEC 17799 – CÓDIGO DE PRÁTICA PARA GESTÃO DA SEGURANÇA DE INFORMAÇÕES NAS INSTITUIÇÕES DE SALVADOR DURANTE A REALIZAÇÃO DE PRESERVAÇÃO DIGITAL DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS, **RAFAEL BOTELHO DORIA (e co-autoria de Sérgio Franklin Ribeiro da Silva)**

A APLICABILIDADE DO MARKETING NO ARQUIVO, **NELMA CAMÊLO DE ARAUJO (e co-autoria de Ana Paula Barbara)**

ARQUIVISTA: MANEJO DE ARQUIVOS E DE REGISTROS, **ELAYNE ORTOLAN ALTOÉ (e co-autoria de Taiguara Villela)**

O PAPEL DA FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO AMAZONAS (FAPEAM) PARA A ORGANIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DOS ARQUIVOS DOCUMENTAIS NO AMAZONAS, **RODOLFO ALMEIDA DE AZEVEDO (e co-autoria de Francisca Deusa Sena da Costa)**

A ONTOLOGIA DO CUIDADOR: ARTICULAÇÕES ENTRE AS COMPETÊNCIAS DO PROFISSIONAL MÉDICO E DO PROFISSIONAL ARQUIVÍSTICO., **MICHELLE CHAVES DE ARAÚJO (e co-autoria de Esmeralda Porfírio de Sales)**

O ARQUIVO DE LINA BO BARDI: REVISITANDO UMA EXPERIÊNCIA, **JOSÉ FRANCISCO GUELFY CAMPOS**

LEGISLAÇÃO SOBRE DOCUMENTOS DE PROCESSOS JURÍDICOS PARA DIGITALIZAÇÃO., **MARCELO FERNANDES RODRIGUES (e co-autoria de Diana Vilas Boas Souto)**

A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB O OLHAR DOS ALUNOS DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFPB, **GENOVEVA BATISTA DO NASCIMENTO (e co-autoria de Ismael Batista dos Santos Silva, Katyuscia Sales de Assis)**

APLICABILIDADE DO GERENCIAMENTO ELETRÔNICO DE DOCUMENTOS: UM ESTUDO NA UFBA, **LUCINEIDE NASCIMENTO DE ALMEIDA DIAS (e co-autoria de Dulce Paradello)**

OS ARQUIVOS/REPOSITÓRIOS DIGITAIS COMO AMBIENTES DE LIVRE ACESSO À PRODUÇÃO DOCUMENTAL ACADÊMICA CIENTÍFICA, **GLEISE DA SILVA BRANDÃO (e co-autoria de Keyla Sousa Santos)**

ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO TÉCNICO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO PROJETO CINEMÓRIA – A HISTÓRIA DAS SALAS DE CINEMA DO ESPÍRITO SANTO (1907-2008), **ANDRÉ MALVERDES**

DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS EM AMBIENTE DE ARQUIVO, **LUIZ ANTONIO SANTANA DA SILVA (e co-autoria de Telma Campanha de Carvalho Madio)**

SUBPROJETO FOTOGRAFIA NA LATA : CRIATIVIDADE COM PINHOLE E MARMORIZAÇÃO, **JANAINA VEDOIN LOPES (e co-autoria de Carlos Blaya Perez, Bruno Stock, Carla Saldanha da Silva, Letícia da Silva Fausto, Tamy Silva)**

DE 1999 A 2012- O PANORAMA DA CONSTRUÇÃO DE WEBSITES EM INSTITUIÇÕES DE ARQUIVO DE ACESSO PÚBLICO NO BRASIL, **LEANDRA NASCIMENTO FONSECA (e co-autoria de Fernanda Maria da Costa)**

A ORGANIZAÇÃO ARQUIVÍSTICA NOS ARQUIVOS PESSOAIS DE ESCRITORES BRASILEIROS: RELATO DO ARQUIVO CLARICE LISPECTOR, **MARCOS ULISSES CAVALHEIRO (e co-autoria de Sonia Maria Troitiño Rodriguez)**

ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS E REDES DE COOPERAÇÃO ENTRE AS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (IFES) DO BRASIL, **RENATO MOTTA RODRIGUES DA SILVA**

DESAFIOS DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA: DA ESCOLHA NO VESTIBULAR AO MERCADO DE TRABALHO, **FERNANDA MARIA OLIVEIRA DA COSTA**

O MAPEAMENTO CULTURAL E A GESTÃO DA INFORMAÇÃO NO ESTADO DO PARÁ, **MARIA DO SOCORRO BAIA DOS SANTOS (e co-autoria de Terezinha Maria de Jesus da Conceição Lima)**

A GESTÃO DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA COMO SUPORTE PARA A TOMADA DE DECISÃO POLÍTICA NA ÁREA DE SEGURANÇA PÚBLICA: O COMBATE AO NARCOTRÁFICO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (2006-2010), **BRUNO MACEDO NATHANSOHN**

ATORES ACADÊMICOS DA ARQUIVOLOGIA NO BRASIL, **ELIEZER PIRES DA SILVA (e co-autoria de Thais Tavares Martins e Natacha Silva Fonseca)**

O USO DAS TÉCNICAS ARQUIVÍSTICAS PARA O REGISTRO DAS LIÇÕES APRENDIDAS NO GERENCIAMENTO DE PROJETOS, **MILENA DE JESUS MELO**

POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DIGITAL: ESTUDO DE CASO EM ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA DE PORTO ALEGRE/RS, **VERA LÚCIA SANTOS DOS SANTOS**

FOTOGRAFIAS DE ROMEIROS COMO DOCUMENTO DE ARQUIVO, **ARILUCI GOES ELLIOTT (e co-autoria de Telma Campanha de Carvalho Madio)**

A RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO SOB A ÓTICA DOS USUÁRIOS: UM ESTUDO DE CASO DO USO DA BASE DE DADOS ACCESSUS, **RENAN MARINHO DE CASTRO**

CORRELAÇÃO ENTRE OS PRINCÍPIOS ARQUIVÍSTICOS E OS ANSEIOS DA HISTORIOGRAFIA NA ORGANIZAÇÃO DOCUMENTAL, **AUGUSTO CÉSAR LUIZ BRITTO**

MIGRAÇÃO DE SUPORTE DE FITAS MAGNÉTICAS DE ÁUDIO CASSETE: UM ESTUDO PRELIMINAR DO TRIBUNAL REGIONAL DA 4ª REGIÃO – TRF4, **MAURO SÉRGIO DA ROSA AMARAL**

A UFSM NO PROJETO RONDON – CAMPUS AVANÇADO DE RORAIMA: DESCRIÇÃO E ACESSO AO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL, **CAMILA POERSCHKE RODRIGUES (e co-autoria de Daniel Flores)**

ARQUIVOS SETORIAIS: EXPANSÃO DAS POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS NA UFSM, **MAIARA DE ARRUDA NASCIMENTO** (e co-autoria de **Camila Poerschke Rodrigues, Cristina Strohschoen, Débora Flores, Dione Calil Gomes, Franciele Simon Carpes, Livia Rocha Retamoso, Neiva Pavezi, Rita Medianeira Ilha, Rosilaine Zoch Bello**)

ESPAÇOS INFORMACIONAIS VIRTUAIS: A DISPONIBILIZAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA NA WEB, **MAIARA DE ARRUDA NASCIMENTO**

DOCUMENTAÇÃO SERGIPANA E AS NOVAS TIC'S: IMPACTOS E PRÁTICAS NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, NO ACERVO DE OBRAS RARAS DA BIBLIOTECA CENTRAL., **JOSEANE OLIVEIRA DA CRUZ** (e co-autoria de **Melânia Lima Santos, Ycaro Swuan Andrade Cor, Izabel Cristina da Silva Santos**)

ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA NO DEPARTAMENTO DE ARQUIVO GERAL (DAG/UFSM), **CAMILA POERSCHKE RODRIGUES** (e co-autoria de **Dione Calil Gomes, Franciele Simon Carpes, Livia Regina Rocha Retamoso, Maiara de Arruda Nascimento**)

O ACESSO E O SIGILO DOS DOCUMENTOS SEGUNDO A LEGISLAÇÃO ARQUIVÍSTICA BRASILEIRA., **ISAAC NEWTON CESARINO DA NÓBREGA ALVES** (e co-autoria de **André Luiz Dias de França**)

QUANDO UM E-MAIL É UM DOCUMENTO ARQUIVÍSTICO., **ISAAC NEWTON CESARINO DA NÓBREGA ALVES** (e co-autoria de **André Luiz Dias de França**)

O USO E "PÓS-USO" DA INFORMAÇÃO ORGÂNICA ARQUIVÍSTICA, **RODRIGO FORTES DE AVILA**

DESCRIÇÃO ARQUIVÍSTICA DE PROCESSOS JUDICIAIS, **TASSIARA JAQUELINE FANCK KICH**

POLÍTICAS DE GESTÃO DOCUMENTAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG: DO SONHO À REALIDADE, **TATIANE VEDOIN VIERO** (e co-autoria de **Andrea Gonçalves dos Santos, Karin Christine Schwarzbald**)

SISTEMA INFORMATIZADO DE GESTÃO ARQUIVÍSTICA DE DOCUMENTOS DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS (SIGED/TJMG) EM FACE DOS REQUISITOS FUNCIONAIS DO E-ARQ BRASIL., **GISELI MILANI SANTIAGO BALBINO** (e co-autoria de **Leandro Ribeiro Negreiros**)

GESTÃO DE DOCUMENTOS NAS UNIDADES DE ARQUIVO E PROTOCOLO DA UNIRIO, **FABIANA DA COSTA FERRAZ PATUELI**

GERÊNCIA DE ARQUIVOS I : UMA RELAÇÃO TEÓRICA SOB A ÓTICA PRESENCIAL E VIRTUAL., **ROSANARA PACHECO URBANETTO** (e co-autoria de **Tatiana Costa Rosa**)

DIMENSÕES METACOGNITIVAS NO PROCESSO DE BUSCA DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA, **DULCE AMELIA DE BRITO NEVES** (e co-autoria de **Dirlene Santos Barros**)

ARQUIVO E ESCOLA: A CONTRIBUIÇÃO DA INTERNET NA DIFUSÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS, **PRISCILA RIBEIRO GOMES** (e co-autoria de **Magno Vinicius da Silva Monteiro, Alinne Pereira da Costa**)

LEITURA DOCUMENTÁRIA E ESTUDOS PALEOGRÁFICOS: O OLHAR ARQUIVÍSTICO SOBRE A DOCUMENTAÇÃO MANUSCRITA ANTIGA PARAIBANA DOS ARQUIVOS PÚBLICOS DA CIDADE DE JOÃO PESSOA RELATIVA ÀS ELITES PROVINCIAIS (1824-1840) , **FRANCINETE FERNANDES DE SOUSA** (e co-autoria de **Roberto Jorge Chaves Araújo**)

ARQUIVISTA: Gestor de arquivos e registros na Era Digital

Elayne Ortolan Altoé

(Universidade Federal do Estado do Espírito Santo) *

Taiguara Villela

(Universidade Federal do Estado do Espírito Santo) **

ABSTRACT

This descriptive study seeks to group the concepts of contemporary archival science based on the basic differences between the "Records Managers" and "Archivists." This study has reiterated the position of Heloise Bellotto in review "Reflections and changes in the world of archives (Review of Currents of archival thinking)," comes approach the definitions of archival theory, in order to highlight the evidence of the appearance of applications and theories unusual as: personal papers and institutional transparency reshaping science archival. The methodology used in this article is the explanation about the theoretical currents that have arrived within the archival and looking to raise archival questions in terminology scope, with regard to the evolution of his concepts, in order to narrate the archival as a natural science as a necessary for a society in the digital age.

KEYWORDS: Record. Archive. Archival Theory. Document Management. Archive Management

RESUMO

Este estudo descritivo bibliográfico busca agrupar os conceitos da arquivologia contemporânea tendo como base as divergências básicas entre os "Records Managers" e os "Archivists". Este estudo vem reiterar o posicionamento, de Heloísa Bellotto, na resenha "Reflexões e mudanças no mundo dos arquivos (Resenha de Currents of archival thinking)", vem abordar as definições teóricas arquivísticas, de forma a salientar a evidência do surgimento de aplicações e teorias incomuns como: documentos pessoais e a transparência institucional, remodelando a arquivologia. A metodologia usada neste artigo é a explanação acerca das correntes teóricas que surgiram dentro da arquivística, e que buscam levantar as questões arquivísticas em seu âmbito terminológico, no que diz respeito à evolução de seus conceitos, com o objetivo de narrar a arquivística como uma ciência natural e necessária para a sociedade da era digital.

PALAVRAS-CHAVE: Registro. Arquivo. Teoria Arquivística. Gestão Documental. Administração de Arquivos.

1. INTRODUÇÃO

O entendimento da arquivística é bem diferenciado do oceano Atlântico para cá, ou seja, na Europa tem-se um entendimento e na América tem-se outro, até mesmo devido às questões culturais diferenciadas. Vamos falar sobre os arquivistas que seguem correntes Tradicionais, dos Records Management ou da Arquivística Integrada, onde tratam o documento de arquivo de formas diferenciadas. No mundo Tradicional, é considerado documento de arquivo apenas documentos permanentes. Já para os Records Management e para a Integrada, os documentos correntes e intermediários também são objeto de trabalho deste profissional.

No Brasil o “Record Management”¹ foi traduzido como Gestão de Documentos, ao passo que a “Archival Administration”² foi lido como Arquivos de Referência, embora não possuía uma linha de pensamento sistematizada a não ser no manual “Como implantar arquivos públicos municipais” de Ana Maria Camargo e Helena Correa Machado³.

Ocorre que, nos países de língua portuguesa tem sido adotado o termo arquivo em divergentes aplicações, como o “*computer files*”, “*archives*” e “*records*”, mas é preciso sublinhar que “*Archival Science*” é a ciência dos “*archives*” e não dos “*computer files*” e nem dos “*records*”. A etimologia da palavra “*file*” remete à ideia de um *locus* como um papel ou uma superfície que deve seguir uma linha consecutiva para referência. Um “*computer file*” não é necessariamente um arquivo ou documento arquivístico. Um livro virtual pode ser um “*computer file*”⁴. Seu tratamento, por não ter valor probatório e

¹ **Record Management** - Gerenciamento de registros é o campo "de uma gestão responsável pelo controle eficiente e sistemático da criação, recepção, manutenção, utilização e disposição dos registros, incluindo os processos de captação e manutenção de provas e de informações sobre as atividades e transações comerciais em forma de registros "(ARMA, RIM 101) (Tradução nossa). Disponível em: <<http://archives.library.wisc.edu/records/>> biblioteca da universidade de Madison>. Acesso em: 04 ago 2012.

² Conceito de **Archival Administration** consta da obra de Hilary JENKINSON, **A Manual of archive administration: including the problems of war archives and archive making**. University of London – Oxford. 1922. Disponível em: <<http://archive.org/stream/manualofarchivea00jenkuoft#page/n5/mode/2up>>. Acesso em: 04 ago 2012.

³ Machado, Helena Corrêa; Camargo, Ana Maria de Almeida. **Como implantar arquivos públicos municipais**. 2.ed., Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, São Paulo, 2000, v. 3. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/saesp/texto_pdf_12_Como%20implantar%20arquivos%20publicos%20municipais.pdf>. Acesso em: 04 ago 2012.

⁴ **computer file** - a tradução para *arquivo de computador*, é um bloco de informações arbitrárias, ou recurso para armazenar informações, que está disponível em um programa de computador e geralmente é baseada em

autenticidade deve ser distinto. Um documento de arquivo pode ser um "*computer file*" tal qual uma "ata eletrônica", mas um "*computer file*" não é necessariamente um documento arquivístico, uma vez que a criação do primeiro obedece ao princípio de organicidade, mas o segundo nem sempre tem a sua gênese fundada num princípio orgânico.

Com objetivo de compreender melhor o papel e os objetos deste profissional multifacetado damos seguimento a uma ocorrência e depois a um quadro conceitual dentro da aplicabilidade atual da Arquivologia.

1.1 O estopim de Toronto

Ocorreu em Toronto o encontro de estudiosos onde um grupo de arquivistas foi convidado por dois professores e pesquisadores, Terry Eastwood e Heather Mac Neil, da Universidade da Columbia Britânica e da Universidade de Toronto, respectivamente, para sanar as cinco questões levantadas por Terry Cook, em Pequim em 1996. Essa aglomeração de arquivistas objetivou a definição e a redefinição acerca de alguns conceitos, já consolidados pela teoria e prática da arquivística (ciclo vital) e dos que viram a surgir, até então (Transparência institucional e os arquivos pessoais). O produto desse encontro foi a consequente publicação da obra "*Currents of archival thinking*"⁵ que nasceu a partir da junção dos textos dos arquivistas ali presentes. A intenção dos autores é a de discutir o pensar e o fazer arquivístico, dentro da temática: "Possibilidades de novos olhares sobre a tradição". O livro é estruturado em dez capítulos com abordagem dos conceitos fundamentais do saber arquivístico moderno. Ele é agrupado em três grandes partes, Alicerces; Funções; Modelos e metáforas.

Com isso as 5 mudanças é possível afirmar que o presente livro é eco e resposta a aquele brado lançado no congresso de Pequim pelo lúcido teórico canadense na sua conferência, que abria, em 1996, as comemorações do centenário do primeiro grande manual da arquivística, o holandês, de 1898.⁶

algum tipo de duráveis. Disponível em: < http://en.wikipedia.org/wiki/Computer_file >. Acesso em: 03 ago 2012.

⁵ **Currents of archival thinking**, é o título da obra escrita por EASTWOOD, Terry ; MACNEIL, Heather. ABC CLIO, 2010. O livro não foi traduzido para o Português, a obra em inglês é vendida pela internet. Disponível em: <http://www.amazon.com/Currents-Archival-Thinking-Terry-Eastwood/dp/1591586569#reader_1591586569>. Acesso em: 04 ago 2012.

⁶ BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Reflexões e mudanças no mundo dos arquivos** (resenha de *Currents of archival thinking*). Rio de Janeiro: Arquivo e administração, Ano 2010 jul./dez, p.33. Disponível

Foi explanado pelo teórico canadense Terry Cook, durante sua conferência, intitulada: “What is Past is Prologue: a History of Archival Ideas Since 1898 and the Future Paradigm Shift”. A imediata repercussão, não só no próprio congresso, como depois dele, nos meios arquivísticos internacionais, fica agora consolidada nessa obra. Ela é merecedora de estudos e discussões nos meios arquivísticos brasileiros, tanto acadêmicos como institucionais, preocupados, como parecem estar com a atualização dos conhecimentos e das experiências imprescindíveis para o crescimento qualitativo da área. A conferência precedeu a abertura das comemorações do centenário Manual dos holandeses, no XIII Congresso Internacional de Arquivos, em 1996, a ousadia de Terry Cook e suas cinco questões, polemizaram o saber arquivístico:

1. As novas discussões em relação à existência dos arquivos;
2. A mudança do significado de se “preservar” documentos;
3. As novidades quantos às fontes da teoria arquivística;
4. A transformação do papel dos arquivistas, agora, não mais como “neutros e passíveis guardadores de documentos” e sim como “moldadores do patrimônio documental”;
5. O deslocamento do entendimento da teoria arquivística anteriormente considerado “universal” para sua atual compreensão como sendo mais “historicamente situada e determinada” (Ibid, p.32).

Para redefinir os conceitos do fazer arquivístico e do pensar arquivístico, o mundo anglófono⁷ se reúne, identifica e reconhece os dois grandes eixos teóricos da Arquivística: Records Managers e Archivists, um voltado para a os registros traduzidos no Brasil como documentos e outro para os arquivos, respectivamente. Estes se complementam e se divergem em uma interação recíproca e harmoniosa com o passar do tempo. No Brasil, não há esta distinção. O profissional arquivista é visto sem essa divergência prática, ou seja, o mesmo profissional que é capacitado pela academia atua manipulando registros e arquivos, fato que torna evidente o reconhecimento e aplicação do ciclo vital, um conceito que é consenso entre os arquivistas de qualquer país. Podemos observar que:

[...] a Arquivologia conta, atualmente, com três grandes correntes de pensamento: a tradicional, ligada aos arquivos permanentes, a qual se mantém como referência internacional, tanto com relação às suas questões teóricas

em:<http://www.aab.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=83%3Apublicacoes&catid=30&Itemid=68>. Acesso em 03 ago 2012.

⁷ **Anglófono:** adj+sm (anglo+fono) Diz-se de coisa, ou pessoa que fala inglês: rádios anglófonas; os habitantes anglófonos da África. Disponível em:< <http://www.dicio.com.br/anglofono/>>. Acesso em: 05 ago 2012.

quanto às práticas; a dos records anagement identificada com os arquivos administrativos; e a corrente da arquivística integrada, que ainda emergente, preocupa-se com o ciclo vital dos documentos e busca consolidar-se (LOPES, 1998 apud CLÉO, 2009, p. 26).

Os países que originaram estas correntes são: a Tradicional é de procedência francesa, italiana e espanhola; a dos Records Management, norte-americana e a Arquivística Integrada são canadenses. Estas correntes estão presentes em todos os países que possuem arquivos do mundo. Existem outras correntes variantes, que não se enquadram perfeitamente em nenhuma destas, pois estas são as mais estudadas e adotadas.

A ausência de metodologias e de concepções bem estabelecidas e utilizadas de modo regular é recorrente em escala mundial. Por toda parte, mesmo onde reina a hegemonia de uma ou de outra corrente, é previsível a coexistência em um mesmo meio de trabalho, gerando várias visões e práticas. Existe também, em âmbito mundial, uma arquivística espontânea ou de sobrevivência, formada por práticas e fragmentos teóricos das correntes principais, não havendo, portanto, uma estrutura teórica de subsistência, sendo desenvolvida a partir do senso comum, impossibilitando ou dificultando soluções sistemáticas. Este tipo de arquivística é dominante em países situados fora da América do Norte e da Europa Central. A América Latina, a Oceania, a África e a Ásia tiveram somente influências destas correntes teóricas predominantes, sendo apenas coadjuvantes. Records management constitui-se em um complemento a arquivística baseada em regras práticas, eficazes, mas sem a existência de fundamentos científicos e por vezes recorrendo à improvisação, desconsiderando o conhecimento construído e acumulado pela arquivística tradicional. Por sua vez, a arquivística integrada é a única a propor a transformação da disciplina arquivística, baseada em técnicas, em uma disciplina científica, com um arcabouço definido e comunista. (BELÍCIO LOPES, 2009, p. 27).

A Arquivologia se desenvolveu de forma a se adequar às tradições de cada país e instituição, não contando com princípios globais. O equilíbrio entre todas as correntes da arquivologia é necessário ao seu evoluir, o senso comum e a reflexão científica andam sempre juntos. As correntes mais presentes no mundo são as já consolidadas, Arquivística Tradicional e a Records Management.

[...] A arquivística espontânea ou de sobrevivência é a mais fragmentária. Ela não existe como pensamento estruturado e não descrita em obras específicas. A tradicional é uma construção contraditória. A primeira contradição, do ponto de vista que aqui se defende, consiste em manter os princípios e teorias fundamentais da arquivística como um conjunto e de recusar, sistematicamente, o papel de uma disciplina independente. (LOPES, 1998, p.61 APUD BELÍCIO LOPES, 2009, P.27).

O trabalho realizado em Toronto foi primordial para a compreensão das novas atuações dos arquivistas, como agente ativo na “transparência institucional”, nos registros dos “arquivos pessoais”, já o sentido de “bancos de dados” e o de “preservar” sofreram alterações inclusive opostas ao que conhecemos. Com a advinda dos documentos eletrônicos e digitais, assim como o “arranjo”, que perdeu o sentido, se tornou um conceito inaplicável, pois o modo em que os documentos estão dispostos nos diretórios de rede é indiferente na recuperação do documento no meio digital, a busca se dá por meio de sequências binárias traduzidas por palavras-chave. A compreensão e a distinção entre os dois perfis profissionais que dividiu a arquivologia em dois eixos, os Record Managers e os Archivists, foram o norte para o entendimento da conjuntura da arquivística moderna e para a superação da conceituação das teorias arquivísticas, percebendo-se a dualidade na atuação do profissional. Na Austrália já se compreende a importância da “união” das duas profissões anteriormente separadas em apenas uma. Tornou-se um consenso tanto entre a Arquivística Tradicional quanto os Records Managers que, a teoria das três Idades e o postulado do ciclo vital dos documentos, são essenciais para a manutenção da arquivologia atual. Acerca do tratamento aos registros, Ciaram B. Trace (2002, p.3) defende que:

Ao abraçar um novo quadro de registros e manutenção de registro devemos reconhecer as seguintes realidades: primeiro, que existe uma necessidade dos arquivistas em conduzir sua própria investigação, seja com base em ciências sociais metodologias, ou não, a fim de coletar registros e quais são os registros que devem ser recolhidos. Segundo, que existe uma necessidade de entender totalmente os documentos que ele coleciona: o registro, que existe dentro do arquivo é uma demanda para os arquivistas examinarem mais rigorosamente e reavaliar os documentos para serem mais conhecedores do papel que eles mesmos desempenham na formação do registro histórico e, finalmente, os arquivistas fazem um desserviço a si e aos seus patronos, isolando-se de outras instituições culturais. Os arquivistas devem procurar entender os pontos comuns com outras profissões. (Tradução nossa).

2 Mudanças da práxis na Era Digital

Os ditos “profissionais da informação” não pertencem a um segmento só, e por isso mesmo se faz necessário admitir que cada objeto precisa de um tratamento documental diferenciado. Mas qual o porquê desta diferenciação? Ora, se enquanto o livro é artificialmente colecionado e não é acumulado e produzido em decorrência das atividades jurídico-administrativas, então não precisa de descritores ou metadados que garantam suas

qualidades como imparcialidade e autenticidade. Pois o arquivo nasce para provar algo, e, portanto, possui um valor de prova que deve ser controlado por meio de um tratamento adequado - processos e procedimentos específicos que garantam seu estatuto probatório. Além de admitir que, apesar das generalizações como "tudo é informação", para cada artefato convém uma abordagem própria, ainda há o problema da terminologia, pois nos países de língua portuguesa tem sido adotado o termo "arquivo" tanto para "records", "*computer files*" e "*archives*". Quais tipos de confusão isto poderia gerar? Um "*computer file*" não é necessariamente um arquivo ou documento arquivístico, pois um livro digital sendo também um "*computer file*" não obedece ao princípio da organicidade onde o documento é produzido como reflexo espontâneo de uma atividade jurídico-administrativa. O Projeto InterPARES - International Research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems - liderado pela Doutora Luciana Duranti e coordenado pela Universidade de British Columbia(Canadá), tem desenvolvido no mundo todo soluções e conhecimento teórico-metodológico essencial sobre esta questão.

Se já se admite que as "fontes de informação" não devem ser tratadas todas da mesma maneira assim como Taylor & Joudrey (2009) apontam em sua obra, então é preciso esclarecer qual tipo de fonte precisamente há de ser abordar aqui, pois seria impossível em apenas um capítulo tratar de todas as metodologias. Há de se falar nas fontes primárias conhecidas por "arquivos" que concernem aos limites da Arquivologia – hoje no Brasil sub-área de Ciência da Informação de acordo com Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível *Superior (Capes)* - é "ao pé da letra" a "*Archival Science*" ou ciência dos "*archives*" tem por objetos científicos:

Objeto (A) o arquivo enquanto unidade documental;

Objeto (B) o arquivo como conjuntos de documentos contextualizados no seu meio genético de produção natural e,

Objeto (C) o arquivo-instituição com suas respectivas funções Arquivísticas.

Considerando estes objetos científicos tomam-se as três principais vertentes da Arquivística, no trato do objeto A há a Tipologia Documental que por sua vez é uma ampliação da Diplomática cujo expoente máximo é Bellotto da USP- Universidade de São Paulo. Para o objeto B no Brasil o "Record Management" foi traduzido como Gestão de

Documentos a ainda não conta com uma linha teórica bem distinta, entretanto em âmbito brasileiro a proposta de *records continuum* ou da integração de "Records Management & Archival Administration" sempre foi um pré-suposto. A tradicional "Archival Administration" foi sistematizada no primeiro manual da coleção "Como Fazer" publicada pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo com o título de "Como implantar arquivos públicos municipais" cuja co-autoria é da Doutora Ana Maria Camargo da USP - Universidade de São Paulo.

É possível concluir que há três "processos e procedimentos da informação" nos arquivos distintos e interligados:

I) **Análise Diplomática e Tipológica:** que identificará a fórmula diplomática e a tipologia, realizando uma análise documental do objeto A; Obra de referência: BELLOTTO, Heloísa Liberalli como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo / São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002. (Projeto Como Fazer, p.8).

II) **Gestão de Documentos Arquivísticos:** a partir do objeto A estabelece a lógica conjuntural por séries tipológicas e a organização do fundo, bem como a manutenção da organicidade e dos fluxos naturais dos documentos; Obra de referência: BERNARDES, Ieda Pimenta, DELATORE, Hilda; *Gestão Documental Aplicada* (publicação digital). 2004.⁹

III) **Administração de Instituições Arquivísticas:** tendo em vista os objetos A e B é o processo que cuidará da instituição pública cuja incumbência é garantir as funções arquivísticas: Produção ou Gênese Documental; Avaliação e Descarte Documental; Aquisição; Conservação do Patrimônio Cultural-Arquivístico; Classificação Tipológica; Descrição Arquivística; Difusão Cultural; Arranjo e Organização Documental; Obra de Referência: Como implantar arquivos públicos municipais / Helena Corrêa Machado e Ana Maria de Almeida Camargo. – São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

A interdisciplinaridade entre estes processos no âmbito da Arquivística e da Ciência da Informação pode ser considerada a partir do modelo de Zins (2009)¹⁰ onde o dado é material e empírico, ao passo que a informação e o conhecimento são subjetivos. Também a

⁹ ISBN: 978-85-61599-02-7. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/saes/GESTAO_DOCUMENTAL_APLICADA_Ieda?.pdf>. Acesso em: 03 ago 2012.

¹⁰ ZINS, C; **Conceptual Approaches for Defining Data, Information, and Knowledge**. In Journal of the American Society for Information Science and Technology, 58(4):479–493, 2007.

partir deste modelo, questiona-se se o arquivista não seria portanto o profissional dos dados e não da informação, uma vez que algo subjetivo não é passível de gestão.

Estes fatos frente aos desafios atuais carecem de uma descrição elucidativa sobre as principais terminologias que compõem a resenha da obra “Currents of archival thinking” realizada por Heloisa Bellotto na revista *Arquivo & Administração* em 2010.

Não pretendemos definir os conceitos e sim apontar suas contestações com a advinda do meio digital e eletrônico. Essas terminologias, narradas pelo mundo anglófono, no “Currents of archival thinking” estão expostas abaixo em ordem alfabética.

Acesso: Para Geoffrey Yeo (2008), o acesso deve ser direto ao documento, como uma imagem digitalizada, por exemplo, e não por representações contidas nos instrumentos de pesquisa. No Brasil, há a Lei 12.527/2011¹¹ que regula o acesso à informação em território nacional prevê no seu artigo terceiro, inciso IV, o “fomento ao desenvolvimento da cultura de transparência na administração pública” e por esta razão, as ações dos organismos públicos não podem se reduzir apenas a publicação de dados na Internet.

Arranjo: deve se continuar a respeitar o fundo de arquivo, que consiste em não se mesclar documentos de produtores diferentes. No caso dos eletrônicos não há acondicionamento, mas ainda há armazenagem e, portanto o arranjo enquanto operação intelectual se mantém, pois a classificação ainda é válida para os arquivos eletrônicos e vitais para seu controle. E, para fundamentar os metadados, deve-se observar o arranjo digital, no que condiz ao fundo e série, pois, a complexidade hierárquica irá se refletir na descrição.

Avaliação: Vem a concretizar a definição de regras de conservação e de eliminação e tem como objetivos permitir à organização a diminuição de documentos acumulados através da eliminação daqueles obsoletos, a melhoria do estado de conservação dos documentos, a redução dos custos associados à conservação, a recuperação de espaço físico em depósito ou digital em servidor, o aumento da eficácia administrativa, a identificação e armazenamento documental ao longo da sua gestão contínua e a identificação e proteção dos documentos essenciais para garantir o funcionamento e a continuidade da organização.

¹¹ **Lei 12.527** publicada no DOU de 18.11.2011 - Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei no 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei no 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências.

Surge a ideia de Macroavaliação, que é uma mistura de teoria, estratégia e metodologia, onde se rejeita que o Valor é inerente aos documentos. Para Cook, a macroavaliação deve especificar os atributos genéricos e as interconexões do documento, para apontar os conflitos entre os produtores e as características sócio-históricas que são voltadas para os cidadãos, nossos clientes.

O objetivo da avaliação em documentos correntes é o de otimizar o valor secundário e diminuir a preocupação concentrada na autenticidade das fontes históricas. A Macroavaliação deve ser pensada com a participação do arquivista, produtor e comunidade, com foco sempre na informação que a comunidade precisa.

Avaliação de documentos eletrônicos: é um desafio, devido ao “ajustamento eletrônico”. Os metadados que ligam os documentos ao seu contexto de produção, administrativo, documental e tecnológico, por isso deve-se conhecê-los isoladamente e em seu contexto, para avaliar documentos digitais.

Conservação: O arquivista-conservador não é mais só aquele que preserva o papel celulose, mas também deve ficar responsável pela autenticidade dos documentos quando aquilo que ele conserva possui valor de prova. “Conservamos o legado cultural para preservar a memória, sendo essa a preocupação também de bibliotecas e museus, não obstante a diferença dos objetos que tratam de custodiar e conservar respectivamente.” (BELLOTTO, 2010, p.36).

Descrição: É submissa ao princípio da Proveniência e aplicada aos registros por metadados. O Projeto Interpares é pioneiro na aplicação da descrição para controle de autenticidade e preservação dos arquivos. O Encoded Archival Description é iniciativa mundial baseada na norma de Estocolmo – ISAD(G), mas também há de se considerar ISAAR (CPF) e a ISDF. Infelizmente tais normas foram adotadas a partir da lógica da coleção e processos biblioteconômicos e desconsideraram a Tipologia documental e a Tradição documental.

Em relação ao contexto há a iniciativa Ended Archival Contexts, e no sentido de ser útil o arquivista deve recorrer a história da entidade produtora e estruturar as funções das mesmas, ou em caso de arquivos pessoais deve-se recorrer a biografia e as atividades dos titulares.

Documentos eletrônicos: Ele já nasce como fonte de informação, as atividades do produtor são identificadas antes do nascimento dos documentos (até mesmo para a confecção dos softwares de gerenciamento das funções institucionais, ex: intranet, banco de dados). As pessoas agora têm como expectativa recuperar e usar os documentos na íntegra, por meio do acesso em forma de metadados.

Mediação: A Mediação é abordada em arquivos de referência, física ou virtual, ao qual o acesso é o principal foco. É um serviço que deve ser sistematizado nos arquivos de referência presencial ou virtual à distância e in loco. A mediação deve ser voltada para o cliente. É um serviço que potencializa o acesso, para atrair novos usuários apresenta cinco passos estratégicos: identificação, orientação, entrevista de entrada, interação contínua e entrevista de saída.

O Arquivista deve ter o conhecimento do acervo no que diz ao processo de sua gênese e das tipologias que compõem o acervo, para ele direcionar o cliente até o documento.

Natureza dos Arquivos: Especial ou especializado. Pública ou privada. A natureza do documento vem sofrendo constantes impactos do desenvolvimento dos saberes das áreas Sociais como um todo, da administração, da comunicação, da pesquisa histórica e da tecnologia da informação. A natureza dos arquivos está embutida nas raízes teóricas da arquivologia, ela é a razão por qual se origina o documento, é o que o constitui, é a sua propriedade e seu atributo, ela representa as particularidades documentais. O ponto em comum entre as Naturezas do documento dos “Records Managers” e dos “Archivists” é que elas são interdependentes – o chamado “archival bound”. No Brasil, França, Itália, Espanha e outros países latinos a Natureza dos documentos está embutida como uma definição do processo de Classificação Tipológica para preservação de seu estatuto probatório, pois a o arquivo nasce para provar algo por ações jurídico-administrativas.

Princípio da Organicidade: Apresenta como características a unicidade, naturalidade, intencionalidade, imparcialidade, e autenticidade. A relação entre a unicidade e a naturalidade do documento é à base do princípio da Organicidade. Ele sempre reflete, naturalmente, as funções da entidade que as gerou junto com a **Artificialidade** de suas coleções, pois o colecionador interfere ao dar a forma de seu acervo. A organicidade e a

artificialidade representam o vínculo entre o produtor e o colecionador dos documentos e formam o “**Todo orgânico**”.

Princípio da Proveniência: Historicamente "a proveniência" é um princípio teórico adotado pela Arqueologia e Paleontologia para o controle de artefatos e objetos antigos que orientam não apenas o remonte dos conjuntos, mas também a produção de catálogos. Apesar das alusões claras do Manual dos Holandeses (1898) para com a Paleontologia e a metáfora do esqueleto, nem sempre o arquivo foi tratado como tal.

Antes da "proveniência" era "O Princípio da Pertinência" que guiava a metodologia classificatória dos arquivos no que tange ao arranjo pela lógica dos termos e assuntos (Gränström, 1994, p.13). Entretanto a organização temática dos arquivos remetia ao conceito de coleção artificialmente reunida que encontrava problemas práticos para o acesso.

No Archivo Publico do Estado do Espírito Santo, por exemplo, adotava-se em parte a classificação estrutural que refletia os ministérios, mas é possível encontrar repartições temáticas como “Chefe de Polícia” e “Qualificação dos guardas nacionais” (Villela Aldabalde, 2010, p.83-85), onde diversas peças e documentos oficiais deveriam ser encaixados forçosamente nesta classe de maneira tal que o usuário não conseguiria relacionar sua demanda com o documento necessário: tratava-se de uma classificação empiricamente equivocada, sem um método que reunisse as séries pelo produtor. Este problema da obstrução do acesso por erro classificatório se verifica a nível universal, mas foi na França e também na Prússia onde o arquivo central, ao reunir os documentos de diferentes províncias pelos mesmos temas misturou as peças documentais que ficaram perdidas e sem identificação precisa.

Nataly de Wally¹² expediu uma circular em 1841 para que esta mistura terminasse com a organização pela Proveniência ou "provenir", "de onde provém", quando os arquivos passaram a fixar identidade não mais pelas coleções, mas pelos produtores dos fundos e

¹² **Nataly de Wally:** Foi o arquivista de Napoleão, responsável por criar o conceito de Fundo de Arquivo, ao organizar o Arquivo Nacional da França, este era composto por documentos das nações conquistadas. O Conceito de Fundo surgiu para determinar a instituição e sua respectiva nação da documentação recolhida descontroladamente por Napoleão.

respectivos agrupamentos das séries de uma mesma província que nada mais era que seu natural produtor e acumulador. Tratou-se de um problema empírico de classificação pragmática que venceu a lógica teórica abstrata sem base empírica das classificações oriundas de uma “proto-biblioteconomia”, onde mudanças nas “classes do conhecimento” ou “divisões dos temas e assuntos” não gerariam nenhum problema, ao contrário, pois novos conhecimentos surgiam e surgem a todo tempo e esta configuração se adéqua apenas colecionando por mera convenção abstrata.

A França e a Prússia registraram medidas na esfera do Direito Público Administrativo e a proveniência ficou atrelada a noção da custódia legal. Até os dias de hoje a custódia e sua legalidade são adotados nos arquivos em computadores e trabalham com o princípio da "Proveniência dos Dados". Estes dados custodiados devem ser armazenados segundo diretrizes das iniciativas como "National Science Foundation", "Dataneet projects", "DataONE" e "Data Conservancy".

O princípio da proveniência é visto como a junção do “Respeito ao fundo” com a “Ordem original”. Peter Horsman diz que, este é o único princípio da teoria arquivística e que os outros dela decorreram, já para Jennifer Douglas, ele é visto de três formas: Como princípio organizativo, como construção física e intelectual e como contexto sócio-histórico. A proveniência vem de um contexto de criação continuum, além do administrativo, social ou cultural, ela engloba ações como a autoria, a custódia, o manuseio, a interpretação e a intervenção arquivística.

Os Australianos entendem o *sistema de séries* como uma redefinição da Proveniência, já que relaciona as entidades produtoras no contexto em que usam o documento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com o surgimento de novos conceitos aplicados à arquivologia mundial, que vieram a surgir após a Conferência de Terry Cook, no Congresso Internacional de Arquivos em Pequim em 1996, iniciou o processo de resignificar a arquivologia e lá ficou encaminhado que em Toronto haveria um debate entre os arquivistas, para sanar as questões que surgiram com a advinda das tecnologias da informação e deste debate surgiu a obra

“Currents of archival thinking” que veio a agrupar os conceitos inerentes as terminologias aplicadas à área da arquivologia enquanto à evolução dos conceitos teóricos com Natalis de Wally, na França, passa pelo manual dos holandeses e pelo sistema de séries australiano até chegar ao Canadá com a atual arquivística integrada.

Foi percebido que os conceitos arquivísticos levantados no livro, “Currents of archival thinking”, nos levam a compreensão de que as definições teóricas não são unânimes, pois são narradas diferenciadas formas do pensar e do fazer arquivístico e que estes estão intrinsecamente ligados à cultura do o país que gerou o documento em que o arquivista atua. A ideia inicial de Terry Cook ao explicar suas cinco questões, foi a de fomentar um maior debate entre os profissionais arquivistas acerca de suas questões, e a essência de Cook está mantida pelo mundo e o livro nascido em Toronto, é mais uma prova de que a arquivologia está tomando a devida atenção de seus pesquisadores, no que diz respeito aos novos significados adquiridos pela arquivologia ao longo da nova era a informacional, contribuindo assim para o desenvolvimento intelectual do profissional arquivista.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Reflexões e mudanças no mundo dos arquivos** (resenha de Currents of archival thinking). Rio de Janeiro: Arquivo e administração, 2010.

BRASIL. **Lei 12.527/2011** de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2011/lei/112527.htm Acesso em: 04 ago 2012.

LOPES, Cléo Belicio. **Descrição Arquivística Diferenças e Divergências terminológicas sobre os instrumentos de pesquisa**. Porto Alegre, 2009.

COOK, Terry. **Interacción entre la teoría y La práctica archivísticas desde la publicación del manual holandés en 1898**. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE ARCHIVOS, 13, Beijing, 1996. Actes.

EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather (Ed.). **Currents of archival thinking**. Santa Barbara (California): ABC Clio, 2010.

GRÄNSTRÖM, C. The Janus syndrome. **The Principle of Provenance**. Stockholm: Swedish National Archive, 1994. Disponível em: <<http://www.gridprovenance.org/>>. Acesso em: 03 ago de 2012.

LIBERALLI, Heloisa. **Reflexões e mudanças no mundo dos arquivos** (resenha de Currents of archival thinking). Rio de Janeiro: Arquivo e administração, 2010.

SCHELLENBERG, Theodore R. **Modern archives: principles and techniques**. Chicago: University of Chicago Press, 1956.

TRACE, Ciaran B. **What is Recorded is Never Simply 'What Happened:' Record-keeping in Modern Organizational Culture**. Archival Science: International Journal of Recorded Information, 2002.

TAIGURA, Villela Aldabalde. **A presença do arquivo nos relatórios dos presidentes de província no Brasil (1835-1889)**. FFLCH Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado, São Paulo, 2010.